

PensArteCorpo: o método para produzir o saber da *ética-da-vida* ou *aionética*¹

Ursino Neto

“Viver - não é? - é muito perigoso. Porque ainda não se sabe. Porque aprender-a-viver é que é o viver, mesmo”. (Guimarães Rosa, **Grande sertão: veredas**).

“Sempre preferi interrogar e submeter à prova os próprios caminhos. (...) ‘Este é agora o meu caminho; onde está o vosso?’ Era o que eu respondia aos que me perguntavam ‘o caminho’. Que o caminho ... o caminho não existe”. (Friedrich Nietzsche, **Assim falou Zaratustra**).

SUMÁRIO

- I Considerações preliminares
 - 1.1 Situando o contexto histórico do tema
 - 1.2 Objetivo do texto didático
- II PensArteCorpo
 - 2.1 Pensamento
 - 2.2 Corpo
 - 2.3 Arte
- III Fontes da produção do PensArteCorpo
 - 3.1 A *experiência* de vida
 - 3.2 O *desejo*
- IV Considerações finais

I Considerações preliminares

Ética-da-vida ou *aionética* é um novo sentido de bioética, um saber relativo à dimensão do *Ethos*, do *caráter*, do *modo de ser*, do *genitivo subjetivo*², do *si-mesmo*³ ou da *forma-de-vida* no contemporâneo.

A invenção de um novo sentido implica no desafio de produzi-lo; consequentemente, se lança o problema essencial: qual é o método ou como se elabora, se produz o saber da *aionética*?

Para responder adequadamente, se fará uma prévia contextualização histórica sobre o tema do método.

¹ Texto didático 4 (graduação, 2020.1): *sinalização* para produzir um *exercício de experiência ética*.

² Na língua grega (também no latim e outras), o *genitivo* é uma declinação, um caso gramatical designando uma relação de pertencimento, de posse ou de origem. Tal declinação não existe na língua portuguesa; entretanto, o seu correlato de sentido se expressa por intermédio das preposições *de*, *do(s)* e *da(s)*. Exemplos: o livro de João, *ética-da-vida*. A interpretação gramatical do campo filosófico grego clássico estabelece dois polos que se conjugam para expressar o “fenômeno da Ética” como um conjunto de conceitos integrados e inter-relacionados: o primeiro indica o *Ethos* como um pertencimento à interioridade (*genitivo subjetivo* ou *ética*) e o segundo designa o *ethos* como um pertence da exterioridade (*genitivo objetivo* ou *moral*).

³ O conceito de *si-mesmo* será estudado no texto didático 6.

1.1 Situando o contexto histórico do tema

Desde o século VI a.C. na Grécia clássica, berço cultural do Ocidente, o advento da filosofia como linguagem e pensamento (*logos*) superou o “fenômeno mítico” na produção do conhecimento humano.

Essa tarefa foi realizada por intermédio de um conjunto de etapas articuladas: o método (*methodo*).

Em grego, a palavra *methodo* é constituída pela justaposição de dois vocábulos: *meta* (para, além) e *hodos* (caminho ou via) significando *caminho para* ou *via além*. O princípio desse procedimento intencionava alcançar a “verdade”.

O processo articulado era pautado em dois modelos: a indução (exemplo, a medicina) e a dedução (exemplo, a matemática).

Naquela época, em linhas gerais, o conhecimento era dividido em três dimensões: a primeira abrangia os saberes relativos à *Natureza* (em grego, *Physis*).

O saber da “física” inaugurou o processo explicativo da realidade inerente à natureza do mundo ou *Cosmos* (em grego, *Kosmos* significa “ordem bela”, “harmonia”); em outras palavras, o “mito” que imperava na cultura como “sobrenatural” ou como “oculto” foi desvelado.

A segunda dimensão concernia aos múltiplos saberes aplicados às condições variegadas da vida, dos animais, do homem e da sociedade.

Eles apreendiam um amplo espectro perfazendo da medicina à política, passando pela arquitetura, estratégia militar, navegação etc.

Tais saberes se constituíam como: *techné* (um *saber-fazer*, um manuseio, uma atividade cujo fim não se encontrava nela), *práxis* (*saber-realizar*, um ato, uma conduta cujo fim se encontrava nela própria) ou *poiésis* (*saber-produzir* uma obra).

Inserido nesse contexto, o saber adquirido do questionamento originário de Sócrates sobre o “exame da própria vida” ou sobre o “cuidado com a própria alma” foi interpretado como *práxis* e denominado, posteriormente, de *ética*.

A terceira dimensão do conhecimento advinha da contemplação. *Theoria* (do grego *theos*, deus) era a denominação da busca para compreender a verdade como o sumo *Bem*, indicando uma fonte original divina e se constituindo como um saber teológico (evidentemente, não relativo à teologia atual).

Na Modernidade, o processo construtor e o produto do conhecimento humano mudaram, pois o paradigma passou a ser o *método científico*.

A este *método* foi agregado um valor jamais alcançado por qualquer saber da Antiguidade: o poder. Uma frase proveniente do século XVI - “saber é poder”⁴ - ainda repercute no senso comum atual.

O poder é o responsável por inserir na cultura ocidental o nome de um saber acima de todos os outros: *ciência*.

O poder adquirido pela ciência moderna obnubilou, extinguiu saberes e, sobretudo, impôs a qualquer saber aspirante à difusão social, e consequentemente também a um determinado poder, uma obrigação, uma subserviência ao regime do “modelo científico” a fim de obter o reconhecimento do *status quo*.

A “razão” moderna é o fundamento do modelo de ciência tradicional. Tal formato se pauta no binário “sujeito” - “objeto” sendo o conhecimento produzido por representação.

⁴ Frase de Francis Bacon (1561-1626), filósofo e político inglês, precursor do método científico. Confira o texto didático 3 para examinar a interpretação magistral de Michel Foucault (1926-1984) distinguindo e relacionando estes dois conceitos: saber e poder.

Em primeiro lugar, se garante a figura do “eu racional” como o “sujeito” que conhecerá “aquilo” a ser investigado. Em tal plano, a realidade é representada por qualquer “coisa” como um “objeto”.

Exemplificando, no campo da exterioridade: uma pedra, uma planta, um pássaro ou um ser humano objetificado como o “outro” (classificado e tipificado em rótulos) e na dimensão da interioridade ou da nossa subjetividade: o próprio indivíduo objetificado como o “si mesmo” (também classificado e tipificado em rótulos de autoconhecimento).

Nessa leitura, o método enquanto processo de elaboração do conhecimento se constitui a partir de uma predeterminação para atingir um objetivo e o sujeito da pesquisa realiza um protocolo de procedimentos visando a uma descoberta.

O resultado poderá adquirir o selo de “científico” e, com isso, integrar o rol de *disciplinas* que estabelecem um molde à vida humana, pois aplicadas tanto como *norma* (gerando *normatização*) quanto como uma “verdade” considerada *normal* (gerando *normalização*).

Esclarecido o tema, se põe o problema de partida: o método científico é adequado para produzir o saber da *aionética* que é relativo à dimensão do *Ethos*?

Resposta sucinta: Não.

A justificativa é de definição conceitual: o *Ethos* não é o “sujeito”, nem o “ego” e tampouco o “eu racional”.

Ethos é o *caráter*, um *modo de ser* pertencente ao indivíduo, uma *singularidade própria de sentido* dele e se expressa como um *genitivo subjetivo*, um *si-mesmo* ou uma *forma-de-vida* humana.

Ora; por princípio: o pertencimento, o modo de ser, a singularidade de sentido e a forma-de-vida são *relações*; sendo assim, o *Ethos é uma relação* e jamais poderá ser enclausurado em algo pontual, mensurável ou determinado como um “objeto”.

Portanto, o modelo oriundo da racionalidade moderna não é alicerce para a construção do saber ético almejado pela *ética-da-vida* ou *aionética*.

Então, ao se recusar tal procedimento; é necessário, se colocar o desafio de inventar um novo método com as características de constituição do *Ethos* que sejam contemporâneas.

Antônio Damásio⁵, neurologista português que leciona nos EUA, é uma referência para o nosso método desde o seu primeiro trabalho sobre a hipótese do marcador somático característico da emoção.

A síntese da sua perspectiva original é: *conhecer não significa necessariamente sentir*.

A assertiva damasiana tem uma força interpretativa cristalina: qualquer elaboração do conhecimento humano é antecedida por um processo não específico da cognição.

Em outras palavras, para o ser humano, a condição de possibilidade para gerar o *cognoscente* (algo que pode ser conhecido pelo homem) exige uma dimensão emocional e perceptiva prévia que com ele (o *cognoscente*) se conjuga.

Então, o repto que o método da *aionética* se propõe é a ultrapassagem da dicotomia entre o conhecer e o sentir, entre a consciência e a vida, entre o pensar e o ser.

Ou seja, se almeja atingir aquilo não identificado pela mensuração da objetividade: o *algo* que se experencia do *percebido* pelo *si-mesmo*.

⁵ Cf. DAMÁSIO, A. R. **O erro de Descartes: emoção, razão e o cérebro humano**. 3ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

Para nós, isso será alcançado por intermédio de um *exercício de experiência ética* adquirido como uma *sabedoria de vida*⁶.

1.2 Objetivo do texto didático

O objetivo do texto didático é compreender o método que elabora e produz o saber da *ética-da-vida* ou *aionética*.

II PensArteCorpo

O *método* ou o *caminho* para produzir o saber da *ética-da-vida* ou *aionética* tem início pelo *problema*.

Esta palavra oriunda do grego tem o seu radical - *blema* - derivado do verbo *ballo* (lançar, jogar, arremessar). Então, o modo de produzir o saber que se intenciona será lançando adiante o questionamento ou problema e, durante o processo de crítica e investigação dele, em busca do esclarecimento, da resposta, se constituirá a *dimensão ética do agente* (relativa ao *Ethos*) oportunizada no percurso efetivado (*método*).

A fonte originária do método da *aionética* concerne à *relação* entre *vida* (concebida como *aión*) e *ética* (como saber do *Ethos*).

Eles se conjugam entrelaçando e tecendo a ultrapassagem da simples condição biológica (*bio*) do ser humano com a sua característica subjetiva do tempo cronológico (*passado, presente, futuro*) para adquirir o sentido da duração da vida (*aión*), da força vital como referência do espaço-tempo (*presente eterno*) vivenciado na *imanência*⁷.

O desenvolvimento da análise do parágrafo acima é uma exigência impertinente aos limites deste texto didático; entretanto, quem se sentir desafiado a buscar além, poderá iniciar lendo o livro⁸ de Richard Feynman (1918-1988), físico americano, Prêmio Nobel de Física em 1965, principalmente, o capítulo sobre espaço-tempo.

E depois, estudar o último artigo⁹ escrito por Gilles Deleuze (1925-1995). Texto belíssimo, porém complexo e difícil: *A Imanência: uma vida...*

Nele, o filósofo francês parte do questionamento sobre o campo transcendental de Kant; porém, ao indagar - “O que é a imanência?” -, recorre à literatura de Charles Dickens para melhor clarificar a sua resposta: “Uma vida...”. (Grifo meu).

Para nós, a característica da imanência se efetiva como um *instante*, um *entre-tempo* e se pauta pelo movimento de viver a própria *vida* como um *afeto de alegria*, uma *força de valor*, uma *vontade de potência*.

O aprendizado da *aionética* é produzido no exercício pelo qual o próprio agente se modifica e é incorporado como uma *sabedoria de vida*.

Trata-se de uma *experiência ética*, um exercício, um ato inserido de cultura postulante à genuína *formação humana para a vida*.

Para isto, um nome foi inventado: PensArteCorpo. Esta palavra é um neologismo, uma figura de linguagem - oxímoro - em que se destacam três signos, sendo dois considerados contrários pela tradição cultural do Ocidente: o pensamento e o corpo.

⁶ Cf. O texto didático 2: **Bioética com o sentido de Ética-da-vida ou Aionética**, p. 8.

⁷ Palavra oriunda do latim: *Immanens* (de *im* [em] e *manere* [habitar, permanecer]: “permanecer dentro”) significa a presença interior de algo.

⁸ Cf. FEYNMAN, R. P. **Física em 12 lições: fáceis e não tão fáceis**. 2º ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2017.

⁹ Cf. DELEUZE, G. **A Imanência: uma vida...** *Philosophie*, n.º 47, 1995, p. 3-7. Traduzida e publicada no Brasil em *Educação & Realidade*, v. 27 n.º 2, 2002.

No entanto, para a *ética-da-vida* ou *aionética*, eles estão em simbiose e congeminados pelo terceiro: a arte.

O que significa e qual o sentido do PensArteCorpo?

O significado se elabora no *exercício experimental* em que a arte estabelece um *fluxo entre* o que aparenta anteposição (pensamento x corpo), tornando vigente *algo* na relação entre os dois (pensamento e corpo).

O sentido do PensArteCorpo se constitui na atividade em que o produto e o próprio ato de produzi-lo se expõem em uma concepção entrelaçada, em outras palavras, a tarefa é, ao mesmo tempo, o construir e o resultado do processo de construção do *saber ético*: a invenção de *si-mesmo*.

O que se põe na arte e eclode como presença e signo é uma ponte, uma passagem, um poro, uma relação, um devir, um *si-mesmo*, uma *forma-de-vida*.

Os constituintes do PensArteCorpo são pensamento, corpo e *arte*¹⁰.

2.1 Pensamento

O pensamento não é uma faculdade. Pensar não é uma capacidade específica, uma característica exclusiva e irreduzível da consciência de um “sujeito” ou de um “eu”.

De imediato, compreende-se o pensamento como associado à função cerebral. Aqui podem ser consideradas duas atividades: aquela que se processa na materialidade celular e a outra caracterizada pela experiência que cada indivíduo faz ao pensar, ou seja, o fluxo permanente do pensamento passando pela sua mente a cada instante.

Pensamento é uma conjugação de funções do cérebro, do corpo, da mente, da consciência e do inconsciente.

A mente e a consciência não são o mesmo, diferem de conteúdo e função.

A *mente* é um *acontecimento* que produz ideias ou pensamentos. Tudo o que eclode na mente sob a forma de um deles (ideia ou pensamento) é oriunda não só do cérebro, mas de componentes estruturais de todo o corpo expressando determinado estado e contexto do organismo como um conjunto¹¹.

A *consciência* é um *processo* que enriquece a mente com a possibilidade de torná-la ciente da sua própria existência.

O *cérebro* é uma *composição de sinais corporais*, a mente é feita destes mesmos sinais e os três juntos (cérebro, corpo e mente) desempenham variadas tarefas úteis para o organismo.

Eles são uma tríade indissociável.

A partir deste ponto, se elabora uma crítica do significado e sentido do pensamento, respaldada em vários autores. Aqui somente o registro sintético.

O ato de pensar significa algo que se dá em um intervalo, no *entre* o que passou e o que virá; não se trata de um contexto absolutamente definido, determinado e limitado, porém um gesto de exposição às forças e ao acaso.

Para a *aionética*, o sentido do pensamento se constitui como uma tarefa que não se prende à estática da consciência de um “sujeito”, mas sinaliza a própria *experiência* da *busca*. Trata-se de uma *invenção*.

Assim sendo, em vez de simplesmente *representar* o que já está dado como no método científico; no PensArteCorpo, se faz eclodir a *apresentação* do que ainda não é atual, se inventa a possibilidade emergente da potência. Nesta possibilidade se encontra a autêntica *presença* de algo que se busca.

¹⁰ A análise desses três componentes perpassará os próximos textos didáticos. Aqui só um breve registro.

¹¹ Cf. DAMÁSIO, A. R. **Em busca de Espinosa: prazer e dor na ciência dos sentimentos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004, p. 209.

Em suma, no nosso método, *pensar* é a experiência de *inventar* o que se procura, isto é, de se fazer eclodir o *encontrado* (do latim, *invenire*).

2.2 Corpo

O ato de pensar não é separado do corpo¹².

Friedrich Nietzsche é considerado um precursor desta corrente de interpretação.

Ele escreveu em *Assim falou Zaratustra*: “Por detrás dos teus pensamentos e sentimentos, meu irmão, há um senhor mais poderoso, um guia desconhecido. Chama-se Si-mesmo. Habita no teu corpo; é o teu corpo.”¹³

Para ele, o corpo é a grande razão. O pensamento, as ideias, os valores são provenientes de experiências corporais vividas. O corpo transfigura a dor ou a alegria em conceitos. O ser humano se insere na vida pelo seu corpo, sendo este o agente que busca com tenacidade crescer em sua potência.

2.3 Arte

O método do PensArteCorpo busca uma linguagem peculiar atendendo à exigência de enunciar uma dimensão especial característica prioritária do *Ethos*, da singularidade humana, do modo de ser, da forma-de-vida.

Qual é a linguagem que compreende e expressa o algo da experiência do percebido pelo *si-mesmo* não determinado pela mensuração da objetividade?

Gilles Deleuze no livro *Proust e os signos* indica o caminho para a elaboração da resposta ao indagar se na construção do pensamento interpretativo da realidade existe algo além do objeto e do sujeito.

Para ele, o algo anterior à composição dicotômica metodológica (sujeito-objeto) são signos imateriais que “ultrapassam tanto os estados da subjetividade quanto as propriedades do objeto”.¹⁴

Sem dúvida, a linguagem que expressa tais *signos imateriais* (figura, som, imagem etc.) é a *arte*.

Nela, duas referências se destacam:

A primeira diz respeito à atividade de produção, isto é, a arte é um *saber-produzir* que resulta em uma *obra*.

A segunda concerne à sua natureza: a arte é um *afeto* que nos *sensibiliza*.

A arte é uma forma de sinalização, de apelo, de solicitação, de mensagem capaz de despertar-nos para a crítica do oculto ou do invisível nas dimensões do social e do político e, naturalmente, para a descoberta de *valores éticos*.

Enfim, a *arte* expande a fronteira do *enigma* do *ser humano* e o auxilia na busca de dizer o inominável da vida e do viver.

3 Fontes da produção do PensArteCorpo

3.1 A experiência de vida

A *experiência* é uma fonte originária do PensArteCorpo.

¹² Cf. DAMÁSIO, A. R. **O erro de Descartes: emoção, razão e o cérebro humano**. 3º ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2012, p. 218.

¹³ Cf. NIETZSCHE, F. **Assim falou Zaratustra**. São Paulo: Martin Claret, 2007, p. 44.

¹⁴ Cf. DELEUZE, G. **Proust e os signos**. 2º ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010, p. 35-36.

O significado da palavra experiência oriundo da etimologia do latim é um fenômeno extraordinariamente belo e enriquecedor para o saber da *aionética*, pois a partir dos significados inerentes no próprio vocábulo, se compreenderá o sentido que será desconstruído, remodelado, investido e inventado pelo exercício do PensArteCorpo.

A *experiência* como um *acontecimento* se inicia pelo “*ex*” de existência, de exterior, de exílio, de êxtase. Neste *ex* se acolhe a dimensão do *outro*, do *diferente*, do *fora*¹⁵.

O que compõe o “*per*” é o percurso, um “passar através” de um *poro* indo além; é um trajeto por entre os saberes que constituem a *forma-de-vida*; é uma passagem, um deslocamento, uma viagem na qual o *agente* da experiência se prova e se molda.

Em tal movimento, há o risco expresso no próprio significado do verbo latino *experior* (experimentar, fazer uma experiência) em que o *experiri* contém o *periri* (tentar) e neste está inserido o *periculum* (perigo), ou seja, não há segurança na tentativa: realizar a prova sempre será uma ameaça.

A experimentação inerente à vida é perigosa, o *abismo* é o invisível que nos cerca ao viver.

Contudo; a literatura, a poesia, a arte em geral nos ensinam pérolas de sabedoria:

“Onde está o perigo, aí cresce também o que salva” Friedrich Hölderlin (1770-1843), filósofo e poeta alemão.

“O senhor escute o meu coração, pegue no meu pulso. O senhor avista meus cabelos brancos... Viver - não é? - é muito perigoso. Porque ainda não se sabe. Porque aprender-a-viver é que é o viver, mesmo.”¹⁶

A experiência é o ato que se caracteriza pelo mover-se na vida, pelo intrínseco ao percorrer, pelo superar-se, pela condição de incompletude do transitório.

Portanto, para o ser humano a experiência é um *acontecimento-apropriativo* da vida.

3.2 O desejo

Outra fonte originária do PensArteCorpo é o *desejo*.

O conceito de desejo é interpretado pela tradição da cultura ocidental como um sentimento que busca preencher uma lacuna, suprir uma falta, fazer presente uma ausência.

Isso está evidente em um dos mais belos textos da literatura filosófica de todos os tempos: o *Banquete*, de Platão.

Em termos atuais, no amplo campo da psicologia e da psicanálise, se diz que a representação de tal lógica é a tensão de um “sujeito” em direção a um “objeto”.

O desejo é subordinado a um fim que, distinto dele, o atrai e o impulsiona a possuí-lo.

Gilles Deleuze (filósofo) e Félix Guattari (médico, psicanalista) propuseram outra concepção. Para eles, o *desejo* é uma atividade de produção, uma experimentação incessante, uma *montagem experimental*¹⁷.

Roberto Machado compreende a interpretação dos autores franceses como uma crítica a todo pensamento ou instituição que reduz e enquadra o desejo na representação, na lei ou na falta.

¹⁵ O conceito do *fora* será estudado em texto didático posterior.

¹⁶ Cf. ROSA, JG. **Grande sertão: veredas**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006, p. 585.

¹⁷ Cf. ZOURABICHVILI, F. **Vocabulário de Deleuze**. Rio de Janeiro: Relume Dumará: Sinergia: Ediouro, 2009, p. 69.

O filósofo brasileiro sintetiza e escreve: o desejo é “máquina, processo de produção – máquina desejante, processo de autoprodução do inconsciente – que não é interior a um sujeito, nem tende para um objeto. O inconsciente produz, é uma fábrica, e não uma cena de teatro onde se representa um drama”¹⁸.

Portanto, o desejo não é dado previamente nem é oriundo exclusivamente da “subjetividade”, pois ele é um movimento, uma relação, um encontro do interior com o *fora*¹⁹.

O desejo se produz na existência da própria vida em seu plano imanente de engendramento e de *encontro*.

Tal acoplamento é mobilizado pela força do *afeto* que oportuniza aos seres humanos a possibilidade da potência da sua própria singularidade.

Resumindo, *desejando* se experimenta os verbos da vida (viver, amar, estudar, cantar, trabalhar, dançar etc.), se constrói o *Ethos*, se inventa um mundo seu.

Enfim, para a *aionética*, a *individuação* do *organismo desejante* que possibilita a atualização, isto é, a presença real do indivíduo e da sua singularidade no plano da imanência constituindo o seu *si-mesmo* ou a sua própria *forma-de-vida* precede a dicotomia sujeito – objeto do pensamento racional moderno.

4 Considerações finais

A ultrapassagem da dicotomia entre o conhecer e o sentir, entre a consciência e a vida, entre o pensar e o ser é o desafio que o método da *aionética* se propôs.

Em outras palavras, se intencionava vivenciar o *algo* da experiência percebida pelo *si-mesmo* não identificado pela mensuração da objetividade.

A problematização de Sócrates sobre o “conhece-te a ti mesmo” ou o “cuidado de si” é a origem do saber ético como um exercício de sabedoria de vida.

A *aionética* resgatou do oblívio a força originária daquela sabedoria: a *areté* concebida como “excelência”, o “melhor valor” de alguém ou a “força própria do ser”.

É justamente desta fonte original e desta potência intrínseca à vida que a *aionética* cunhou o seu método: o PensArteCorpo.

Trata-se de uma *experiência ética*, uma atitude resistente ao que é imposto como um molde de “assujeitamento” da nossa subjetividade contemporânea.

Fazendo uma analogia com a metáfora nietzschiana, o PensArteCorpo critica o que nos torna “camelo”, ou seja, o poder arbitrário que determina o peso da norma com um selo absoluto guiando a vida, enfrentando-o como um “leão” e, acima de tudo, possibilita a eclosão do tornar-se “criança” na liberdade que nos torna um *ser humano* para *além* daquilo que vimos sendo formatados pelo biopoder.

Concluindo, o PensArteCorpo é o método que constitui o *saber-produzir* da *aionética* como um gesto de *transformação educadora para a vida*, um exercício experimental de *desconstrução* e de *invenção* de *si-mesmo* para a liberdade.

Ele é uma desconstrução, pois critica e rompe com a harmonia do senso comum, desestabilizando as falsas certezas; mas, também inventa aquele verso que faz do perigo brotar a salvação, produzindo e potencializando o ser humano no próprio ato de viver a experiência que o molda.

Portanto, o oxímoro PensArteCorpo, signo de linguagem inventado, guarda o *sentido* da *arte* eclodindo como uma sinapse infinita da *invenção do pensamento* como liberdade e do *corpo* como fio condutor do método que produz o *modo de ser*, o *Ethos*, a *forma-de-vida* como uma relação de *valor coletivo*.

¹⁸ Cf. MACHADO, R. **Deleuze, a arte e a filosofia**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2010, p. 20.

¹⁹ O significado do termo *fora* será estudado no texto didático 8.